

**A MEGERA ESTÁ RONDANDO<sup>1</sup>... CAMILLO DE JESUS LIMA UM PROFESSOR INTELLECTUAL EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA NO PRIMEIRO GOVERNO DE VARGAS (1930-1945)**

Daniela Moura Rocha de Souza<sup>2</sup>  
Lívia Diana Rocha Magalhães<sup>3</sup>

**RESUMO**

Camillo de Jesus Lima foi um intelectual, também professor, que preocupado com questões que envolviam a política e a educação, juntamente com outros professores durante a Segunda República, ganhou evidência na conjuntura republicana. Fruto da própria atmosfera presente, tanto no cenário nacional ou internacional, foi um sujeito público, reconhecido a partir dos grupos em que interagira, unidos por uma identidade cosmopolita republicana comum e pautada na defesa da liberdade, igualdade, progresso da nação, educação como bandeira da República etc., mas, também, guiados pela própria realidade republicana contraditória que, carregava a síntese das suas próprias ambiguidades.

Palavras-Chave: Professor Intelectual; Segunda República; Vitória da Conquista.

**THE SHREW IS PROWLING ... CAMILLO DE JESUS LIMA A TEACHER INTELLECTUAL IN: VITÓRIA DA CONQUISTA-BA IN THE FIRST GOVERNMENT OF VARGAS (1930-1945)**

**ABSTRACT**

Camillo de Jesus Lima was an intellectual, a professor, who worried about issues involving politics and education, along with other teachers during the Second Republic, won Republican juncture in evidence. As a result of this atmosphere itself, both in the national or international audience was a guy, recognized from the groups that interact, united by a common identity and cosmopolitan republican ruled in the defense of liberty, equality and progress of the nation, education as flag Republic etc., but also guided by the fact that contradictory Republican, carried the synthesis of its own ambiguities.

Keywords: Intellectual Teachers, Second Republic, Vitória da Conquista.

O interesse em pesquisar quem foram os professores intelectuais conquistenses que, durante a constituição da República, foram se tornando seus interlocutores e formando uma memória coletiva de professor na cidade, surgiu, a partir dos estudos realizados em dois grupos de pesquisa do Museu Pedagógico-UESB<sup>4</sup>, que fazemos parte desde 2006, na qual levamos o projeto para o mestrado.

Na construção da dissertação, fomos verificando por meio das leituras teóricas e do cotejamento de fontes que, na Primeira e Segunda República, alguns professores de primeiras letras ou primário ganharam evidência pública nos espaços que ocuparam: na imprensa, na política, nas agremiações culturais e na educação em Vitória da Conquista (BA), conforme constatamos por meio dos registros em jornais locais dos períodos

correspondentes a 1911 até 1945, bem como em Livros de Atas do Conselho Municipal (1910-1936), Biografias, Revista da Ala das Letras, (1975) e Registros diversos, encontrados em arquivos público e particular, no município de Vitória da Conquista.

Tanto naqueles tempos como ainda recentemente, esses professores são referenciados socialmente. Utilizamos fontes jornalísticas como assinalamos acima e também Atas da Câmara de Vereadores (1910/1937), Livros de Registro de Leis e Resoluções do Conselho Municipal (1893), Livro de Registros de ofícios da Intendência Municipal (1897), Livros de Atas do Conselho Municipal (1926-1930), jornais locais (1911 até 1945). E ainda escritos que referenciam alguns nomes de professores, em revistas da Ala das Letras de Conquista, e da Bahia, bem como em biografias, produções literárias e acadêmicas, locais, obras de memorialistas, etc., enfim, registros escritos que situam a memória e história desses professores.

À medida que fomos recolhendo e analisando as fontes, observamos que, durante a Primeira e Segunda República (especificadamente entre 1910-1945), encontramos importantes registros de certa forma, bastante ricos sobre professores que exerceram importantes papéis (como intelectuais), considerando que, naqueles momentos, não tínhamos uma sociedade com o nível básico da escolaridade expandido. Nesse sentido, há também registros sobre a importância da educação e a defesa pela instalação de escolas, etc.

São muitos os destaques para as figuras de professores como ilustres intelectuais dotados de sapiência social que se destacavam na poesia, na música, no jornalismo e na política. Ainda hoje, os registros sobre esses nomes de professores se tornaram referências fundamentais para a história da cidade, de forma clara ou não, quando aparecem em nomes de ruas, escolas, centros culturais, assim como livros escritos, que dedicaram seus estudos a esses professores. E é nesse cenário que vamos encontrar o professor Camillo de Jesus Lima.

A Primeira e Segunda República na Bahia foram marcadas por um contexto que envolvia o mandonismo, familismo e coronelismo nas esferas político-administrativas do país, caracterizando uma realidade em que os membros das elites proprietárias locais ocupavam todas as funções burocráticas e instâncias dos poderes locais e regionais, sobretudo, no que tange a interferência do poder privado, no domínio público (PANG, 1979). Esse cenário, perceptível nas diversas regiões do Brasil, foi, particularmente em Vitória da Conquista, palco de vários conflitos armados, provocados por grupos de parentela liderados por coronéis, que proporcionavam a manutenção das oligarquias tradicionais no poder local. Fruto das transformações concretas ocorridas a partir do processo de colonização e povoamento, o coronelismo em Vitória da Conquista, foi efetivado a partir dos laços construídos de parentela que se estreitavam, herdeiros de uma cultura política, baseada na dominação e subordinação - possibilitando a instalação na cidade, do mandonismo local -, proporcionando a permanência dos coronéis no poder central local, inclusive, ainda presente após a década de 1950. (MEDEIROS, 2002, OLIVEIRA, 2005, IVO, 2004).

Com o primeiro governo de Vargas (1930-1945), a posição de intelectual, segundo Silva (2000), nesse período era almejada, tanto em âmbito nacional, quanto regional e local, porque implicava intervir diretamente com a comunidade, através da política e dos próprios meios de comunicação. Indicava *status*, e alguns professores, almejaram e ocuparam os espaços, que permitiam essa titulação, que começaria com a imprensa - o principal meio de divulgação de produção intelectual - além de abrir as portas para os cargos públicos e para o ingresso na política e compensava ainda que não financeiramente, pela projeção social que proporcionava. A iniciação ao jornalismo se dava a partir de

indicações de amizade, simpatia, filiações políticas, etc, e era ocupada por professores, advogados, médicos, engenheiros, literatos. Além desse espaço,

[...] as salas de aula consistiam em locais cobiçados e importantes. Ser professor secundário possuía suas vantagens. Era um ensino destinado á elites. Assim como a imprensa, o ensino facilitava o acesso aos estratos dirigentes e mantinha atualizados os contatos entre os seus membros. [...] Havia ainda outros meios de manifestação da vida intelectual tão relevantes quanto a imprensa e as salas de aula: as conferências, os discursos, os recitais. Não é por acaso que a Bahia, por exemplo, adquiriu renome pelos seus oradores. Como já mencionado anteriormente, até mesmo artigos de jornais pareciam escritos para ser lidos em voz alta. (SILVA, 2000, p.88)

O professor que se dirigia diretamente ao público, por meio da sala de aula e por diversos meios de comunicação que lhe era franqueado, foi assim legitimando sua categoria, com a função de intelectual, o que o levou a ocupar muitas vezes outros espaços seja nos salões privados ou públicos. Através dos agrupamentos literários, nos grêmios, nas alas, etc, que proporcionavam revistas literárias, e mais respaldo social perante a população, expandindo ainda mais a condição do ser intelectual e político.

Todas as idéias que circulavam por todo o país, imbricando muitas vezes valores distintos, formavam uma realidade heterogênea desde a proclamação da República em 1889, daí alguns autores como Holanda (2007), Oliveira (1975), considerarem que o processo de instalação e desenvolvimento do regime republicano no Brasil foi marcado por uma verdadeira confusão que estava presente em todos os setores inclusive na Educação. O que nos permite concluir que apesar do discurso republicano de identidade nacional, esta estava longe de ser realizada.

Durante a década de 1930, foi intensificado em Vitória da Conquista o processo de expansão urbana e crescimento do comércio que “ofereceram vantagens para novos profissionais liberais, bancos e casas comerciais diversificadas, tornando-se mais atraentes para os moradores das fazendas e iniciando, dessa forma, o êxodo rural e externo”. (SOUZA, 1996, p. 31).

Enquanto que a cidade passava por esse processo de modernização, ainda que gradativo, no âmbito político continuava a hegemonia dos coronéis e, no caso de Vitória da Conquista, uma centralização endogâmica do poder, que se configurava em uma de suas singularidades. Na conjuntura que antecedia A Era Vargas, o partido republicano da Bahia - que tinha como presidente o fazendeiro Cel. Zeferino Correia de Melo e, como vice, o médico Dr. Régis Pacheco - apoiava a candidatura oficial da presidência, enquanto que a oposição fundava em 1929 o Partido Liberal Conquistense, através do fazendeiro batista Cel. Deraldo Mendes Ferraz e do professor e jornalista Laudionor de Andrade Brasil, apoiando os candidatos Getúlio Vargas e João Pessoa. (FONSECA, 1999).

Foi nessa realidade que os dois principais partidos da Bahia surgiram na época: A Concentração Autonomista (oriunda dos remanescentes de Seabra e da Liga de Ação Social e Política - LASP<sup>5</sup>, tendo em seus nomes Otávio Mangabeira e Simões Filho) e o Partido Social Democrático (PSD), fundado pelo tenente Juracy Magalhães. Após a vitória de Vargas, o Cel. Deraldo Mendes Ferraz assumiu a prefeitura da cidade e a liderança do Partido Democrático, enquanto que Régis Pacheco liderou a Concentração Autonomista. Até 1937, o grupo de Deraldo Mendes estava assumindo o município, porém, quando o Governador Juracy Magalhães não apoiou o golpe do Estado Novo, a situação da Bahia tomou outros rumos e trouxe Régis Pacheco<sup>6</sup> à prefeitura municipal, até 1945; essa

indicação se deu pelo seu amigo, correligionário de Vargas e nomeado Interventor da Bahia em 25 de março de 1938, o engenheiro agrônomo Landulfo Alves de Almeida. (FONSECA, 1999; SOUZA, 1999).

Enquanto que a política local apresentava as complexidades e contradições oriundas dos conflitos existentes entre as lideranças políticas, no contexto de efervecência proveniente do Golpe de 1930, no que tange a educação, em Vitória da Conquista, entre as décadas de 1930 e 1950, foi fundada a primeira escola estadual pública - o Prédio Escolar Barão de Macaúbas, em 1935, que possuía apenas o curso primário-, o primeiro ginásio - o Ginásio de Conquista, primeiro estabelecimento de ensino ginásial da cidade, de caráter particular, que começou a funcionar em 1940 - e a primeira Escola Normal<sup>7</sup>.

As novas exigências nacionais de desenvolvimento e modernização urbano-industrial refletiram, *in loco*, na necessidade da urbanização e no surgimento de um mercado de consumo e profissional, já com o aparecimento de novas reivindicações educacionais, demonstrados pela excessiva preocupação com o analfabetismo, e na formação de mão-de-obra qualificada para o trabalho. Os cursos de datilografia, de corte e costura, tão referenciados nos exemplares de jornais como *O Combate* (1930-1940), se destacavam como oportunidades de profissionalização e inserção de jovens no mercado de trabalho. (ALVES *et al*, 2007, p. 2).

As demandas educacionais, por conta da intensificação do capitalismo industrial do país, e as exigências de uma sociedade urbano-industrial impunham mudanças no modelo de educação e escola (ALVES *et al*, 2006). A difusão de escolas profissionais, como as já citadas anteriormente (datilografia, corte e costura) e outras, como as de laticínios, Escola comercial Edvaldo Flores etc., confirma uma das alternativas de qualificação da mão-de-obra, sobretudo, destinadas às camadas mais abastadas da cidade e região, marcando, na conjuntura local, a necessidade de atender às transformações decorrentes do desenvolvimentismo econômico nacional.

Essa realidade foi possível porque, a partir da conjuntura dos anos 30, as tensões que a Bahia como um todo experienciou, com os embates provocados por uma burguesia emergente e uma oligarquia dissidente, acarretaram nos discursos sobre a educação, ponto culminante para a ascensão da primeira sobre a segunda. Mesquita e Matta (2009) afirmam que para os coronéis, na Primeira República, o interesse pela instrução era apenas para o indivíduo “arranhar o nome”, para angariarem votos, uma vez que, com as mudanças promovidas pela República, o analfabeto não votava. Com o crescimento das cidades, gradativamente, veio também a noção de cidadania, das relações de trabalho capitalistas e mercado burguês, criando condições para novas estratégias, e princípios para a conquista do poder, onde a instrução, nessa nova conjuntura, desempenharia papel primordial.

Ao tomarmos como recortes temporais a primeira e segunda República, em Vitória da Conquista verificamos, assim como esclarece Magalhães (2006), que apesar da luta dos pioneiros da escola nova na década de 1930 na defesa da articulação entre o ensino primário e secundário, em prol da instrução para todos, ainda na década de 1950, esta estava longe de ser concretizada. O ensino secundário, sob forte privatização religiosa, indicava o quanto o seu acesso ainda era restrito na cidade, mesmo com a instalação da Escola Normal, em 1952, que também funcionava como ginásio, uma vez que esta atendia às famílias mais importantes da cidade, apesar de ser uma escola estadual.

A educação nesse contexto se encontrava fortemente marcada pelas discussões da Associação Brasileira de Educação. Essas discussões preservavam a tentativa de implantar uma escola primária integral, como um modelo adequado aos incipientes processos de industrialização e urbanização na sociedade brasileira, em processo de desenvolvimento,

trazendo os preceitos de uma educação nova, com novos métodos de ensino, sob forte influência norte-americana (BUFFA E NOSELLA, 1997),

O professor, utilizando os recursos que lhes era atribuído, almejava adaptar o ensino às particularidades da região e do ambiente, buscava exercitar os alunos a possuir os hábitos de observação e raciocínio, bem como noções de literatura e história pátria, manejando a língua portuguesa como instrumento do pensamento e da expressão. Estava presente também o ensino dos trabalhos práticos e manuais, através de atividades físicas e jogos, com conhecimento de regras elementares higiênicas, conforme definiu Nagle (apud RIBEIRO, 2003, p.100).

E é nesse quadro que vamos encontrar em âmbito local, professores de primeiras letras que também atuavam como jornalistas, além de ocuparem espaços políticos e agremiações culturais, se legitimando como intelectuais, ganhando prestígio social, sobretudo, enquanto mediadores dessa conflituosa República que se instalava. Dentre eles estava Camillo de Jesus Lima, que apesar de ter nascido em Caetité, chegou em Vitória da Conquista em 1935, já ocupando rapidamente os referidos espaços, se juntando a outros professores e integrando o cenário local paulatinamente formado, por novos sujeitos históricos que ganhavam evidência na conjuntura republicana. Fruto da própria atmosfera presente, no cenário nacional/local, Camillo de Jesus Lima se tornou um sujeito público, reconhecido a partir dos ideais compartilhados com os grupos em que interagía, unidos por uma identidade cosmopolita republicana comum e pautada na defesa da liberdade, igualdade, progresso da nação, educação como bandeira da República etc., mas, também, guiado pela própria realidade republicana contraditória que, se constituía na síntese das suas próprias ambiguidades.

Sendo um homem fruto desse tempo e sua atuação decorrente das transformações ocorridas em um dado período histórico, das experiências vividas e compartilhadas dentro dos grupos que pertencia, seja na família, no trabalho, na religião, nos ideais, etc, observamos que mesmo, com as singularidades individuais, Camillo de Jesus não era um sujeito isolado da realidade que fazia parte, pois sua atuação era conectada aos acontecimentos e aos grupos nos quais ele estava inserido. Aos poucos ele foi ganhando prestígio social não somente na cidade, mas na região, obtendo o respeito e admiração de vários intelectuais, dentre eles: Olavo Bilac e Pedro Calmon na Academia Brasileira de Letras em 1944, Jorge Amado e Carlos Chiacchio, na Bahia, além de ter ganhado vários prêmios e recebido várias homenagens em vida e póstumas, que ressaltam a importância de sua atuação, cuja trajetória permanece ainda hoje na história local da cidade, tendo sua expressão mais viva no próprio Centro de Cultura<sup>8</sup> de Vitória da Conquista que leva seu nome.

### **Camillo de Jesus Lima: O Cancioneiro do Vira-Mundo<sup>9</sup>**

Camillo de Jesus Lima nasceu em Caetité, no dia 8 de setembro de 1912, vindo para Vitória da Conquista em 1935. Era filho de Dona Ester Borba de Lima e do professor de primeiras letras Francisco Fagundes Lima que lhe ensinou a ler e escrever. Por meio do autodidatismo, se tornou professor de português, aprendeu a falar e escrever francês, inglês e castelhano, chegando em Conquista, mais precisamente um ano depois, onde foi trabalhar como redator do jornal *O Combate*. Logo mais foi Secretário Municipal do governo de Régis Pacheco<sup>10</sup>, em toda sua gestão (1938-1945), também foi um dos fundadores da Ala das Letras em 1938. Camillo lecionava em escolinhas primárias, porém,

na década de 40 foi professor de português do Ginásio de Conquista e integrante do Partido Comunista Brasileiro em 1945. (LIMA, In: REVISTA..., 1975, p. 203; LIMA, s/d).

Em uma sucinta autobiografia feita no discurso que proferiu em sua posse, na Academia de Letras de Ilhéus (cuja data não consta no documento<sup>11</sup>), Camillo de Jesus Lima reafirma em sua trajetória de vida sua formação autodidata, bem como seu posicionamento político, conforme podemos verificar nos trechos abaixo:

“[...] aos trezes anos de idade, matriculei-me na velha e tradicional escola normal de Caetité – minha terra natal. Submeti-me aos exames de admissão sem nenhum curso primário regular, valendo-me, apenas, dos ensinamentos recebidos de meu pai, homem de vasta cultura e autodidata, como eu. Fui aprovado, com distinção e louvores. No terceiro dia de aula, convidou-me o professor de português a ir ao quadro-negro. Para que eu o analisasse logicamente, lá estava um trecho de A última corrida de touros em Salvaterra. Analisei-o, a meu modo, desprezando a nomenclatura oficial, ensinada no método de análise de Carlos Góis, então adotado na Escola Normal. Esta oração é coordenada, vem ligada à principal por uma conjunção de primeira classe. Circunspeto e imponente, o professor olhou-me com ares solenes, cruzou as pernas e ajeitou os óculos do nariz. – o senhor analisou o trecho, não usou, entretanto, a terminologia oficial, ensinada pelos mestres, não disse se a oração é coordenada sindética ou assindética. Sente-se, interrompeu o mestre. Vou chamar outro aluno ao quadro negro. Preste atenção ao que ele vai dizer; já que não teve tempo ou vontade de passar a vista no livro, aprenda com ele como se deve analisar rigorosamente. Não me sentei. Dei-lhe as costas. Saí da sala. Transpus o portão de saída. Nunca mais voltei a Escola Normal de Caetité. Passaram-se os anos. Nos idos de 1943, em modesto quarto de pensão, a rua Correa Dutra, completava eu a indumentária com que deveria apresentar-me ao edifício do Conselho Municipal, onde receberia da Academia Carioca de Letras, ali provisoriamente instalada, o prêmio que coubera ao meu livro POEMAS. Canhestro, ajeitava o smocking. Sentia-me preocupado por ter de enfrentar, dentro de meia hora, o salão [...] Enquanto aguardava os retoques finais que eu dava a gravata, Afonso Costa passou a admoestarm-me quanto a inconveniência de permanecer em meu discurso de agradecimento certa frase violenta e irreverente, com relação a decadência da literatura nacional, dirigida e asfixiada pelo Santo Ofício do Estado Novo.

-O representante do presidente da república estará presente. Você vai criar um caso para si mesmo e para a Academia. Acomodando, pela última vez, a cabeleira, então revolta e romântica, respondi-lhe:

só vejo uma solução capaz de evitar constrangimentos a Academia: deixarei de comparecer a sessão, telefone a casa, dizendo que adoeci seriamente e designe um acadêmico de sua confiança para que me represente. Não mudarei uma vírgula em meu discurso. Ou o lerei como está, ou não o lerei. Comecei a despir o smocking, disposto a não ir. Afonso Costa levantou-se bateu em meu ombro: - Vamos cangaceiro teimoso, o carro está esperando, leia seu discurso e agüente as conseqüências... Li o discurso, na íntegra, as conseqüências não vieram, felizmente, experimentei imensa alegria interior, não havia traído minha consciência. Continuei e continuo a ser, na maturidade e na pré-velhice, aquilo que fui na infância e na adolescência, rebelde, indisciplinado, anticonvencional, arredo, introvertido e sincero até a violência. Sou

rebelde e indisciplinado por índole e formação. Sou anticonvencional por princípios. Sou arredo e introvertido, jamais restringi meus ímpetos ante a pressão de estatutos ou normas, de artigos e parágrafos, do faça ou não faça. Alheio ao juízo ou opinião de terceiros, escrevo para minha satisfação íntima, não para satisfação ou insatisfação dos outros. Considero-me o único juiz do que bem ou mal realizo (LIMA, s/d).

Também, em um outro documento<sup>12</sup> avulso Camillo de Jesus Lima, descreve a si mesmo como um guerreiro (foice) mártir, através de uma poesia não datada:

*Monólogo de um Mártir*

Camilo, às vezes a má sorte vem do nome.  
Lembre-se do português Camilo Castelo Branco  
Sempre andou amarrado a um rabo de saia  
Sua vida foi um drama de desventuras e lances dolorosos  
Viu, de perto, a miséria, foi preso, ficou cego  
e terminou o romance da vida  
Pondo o ponto final de uma bala no peito [...].  
Quem sabe se você, apaixonado por uma bailarina imaginária,  
porá, também, um dia, no romance da vida,  
o ponto final de uma bala no peito?  
Custo a crer que você espere, com paciência,  
uma pneumonia do mês de junho  
ou um burguesíssimo enfarte no miocárdio,  
que lhe possam aquietar essa cabeça tonta...  
[...] Camillo, o que inicia esse nome faz lembrar uma foice...  
que sorte resistirá a uma foice no nome?

Membro da Ala das Letras de Conquista em 1938, e respeitado pelas outras Academias literárias, Camillo de Jesus Lima, fazia parte de um intenso movimento cultural formado por intelectuais, sendo muitos professores, que participava da política local, que por sua vez, estava em sintonia com os acontecimentos políticos da Bahia e do Brasil, entre as décadas de 30 a 60 (mais precisamente 1964). Com o decorrer dos anos cada vez mais Camillo foi se aproximando das idéias comunistas difundindo-as em crônicas, poesias, enfim registros diversos, publicados em revistas literárias e jornais (SOUSA; BORBOREMA, 2001).

### **Em defesa da educação moderna**

Na conjuntura da Segunda República, Camillo de Jesus Lima (assim como outros intelectuais) utilizava os espaços jornalísticos e políticos para defender uma escola moderna, valorizar o professor, criar campanhas contra analfabetismo e a favor da construção de escolas, discutindo a educação na cidade, sendo então também mediador das ideias que circulavam em nível nacional, difundindo, mesmo em suas contradições - além da modernização do ensino e fim do analfabetismo - o lema republicano de ordem e de progresso, de exaltação da nação e da moral cívica.

Por meio da análise das fontes encontradas (jornais, livros, registros oficiais, biografias, poesias, etc), percebemos até o momento que dos professores conquistenses, encontrados, nenhum deles foi mais enaltecido e lembrado, na história local, quanto Camillo de Jesus Lima, nacionalmente mais conhecido como um dos melhores poetas do

Brasil, onde através de seus escritos fazia denúncias e críticas sociais, publicados revistas, ou jornais.

Em 1940, o quadro que compunha o corpo docente do Ginásio de Conquista assim estava, segundo Viana (1982, p.456):

A diretoria do ginásio de Conquista era composta pelo Padre Luiz Soares Palmeira, Padre Nestor Passos e o Prof. Aguinaldo Palmeira e o corpo docente era composto por Dr. Adriano Bernardes Batista, Dr. Adelmário Pinheiro, Dr. Francisco Bastos e os professores Alfonso Hoffman, Camillo de Jesus Lima, Benedito Passos, Francisco Fagundes e Jorge Palmeira.

Entre 1943 e 1945, Camillo de Jesus Lima se posicionava contra os professores fascistas e prestara várias homenagens ao professor Euclides Dantas, falecido em 1943. Também noticiava propaganda de escolas, como o Ginásio de Conquista, Corte e Costura, Datilografia, Ensino noturno da ação católica feminina e, ainda com ênfase no discurso de erradicação do analfabetismo, homenagem aos professores Marcelino Mendes e Euclides Dantas, em 1943 (LIMA; BRASIL. *O Combate*, 1943. Ano XIV-XV, nº 5, 18, 19; 1944. Ano XV, nº 14, 22; 1945. Ano XVI, nº 10 e 28 ). Em 1945, a publicação do artigo do professor Everardo Públio de Castro - diretor do Barão de Macaúbas -, arrependido por ter sido integralista, bem como a publicação de Camillo anunciam a instalação do Partido Comunista da Bahia, no dia 2 de julho (LIMA; BRASIL. *O Combate*, 1945. Ano XIV, nº39).

Camillo era professor de português do Ginásio de Conquista e redator de *O Combate*, bem como também foi secretário municipal no governo de Régis Pacheco. Conhecido na história como comunista partidário das idéias de Prestes, a quem trocava correspondências, pouco se fala sobre a ambigüidade presente em sua figura, quando este era Secretário Municipal de Régis Pacheco, prefeito adepto de Vargas no momento em que o integralismo adquire o seu auge, bem como a perseguição aos considerados comunistas. Camillo de Jesus permaneceu no cargo até a saída de Vargas (SOUZA, 2010). Ora defendendo o integralismo, ora criticando conforme podemos ver nas seguintes notícias do jornal *O Combate*:

“*Escola Noturna do Núcleo Integralista*” (elogia a escola por livrar as crianças do analfabetismo – *O Combate* de 19 de abril de 1936. Ano VII, nº29.); “*Professor Fascista Fora!*” (louvando a atitude do ministro Gustavo Capanema em expulsar um professor da escola por ser fascista no Rio de Janeiro – *O Combate* de 28 de fevereiro de 1943, ano XIV, nº 18).

E, as ambigüidades sutilmente continuam..., de acordo com Sousa e Borborema (2001), analisando escritos do próprio professor Camillo, evidenciaram que ele admirava a figura de Prestes desde criança, o considerando como um herói, porém, mesmo se aproximando das idéias comunistas, inclusive antes mesmo de chegar até Vitória da Conquista em 1935, em 1936 ele defendia o ensino religioso, o integralismo, os menos favorecidos, e a educação estava sempre na pauta do dia, seja através da divulgação de escolas, de professores, ou da campanha contra o analfabetismo, conforme podemos verificar em algumas notícias redigidas por ele:

**APROVADA A LEI DO ENSINO RELIGIOSO:** Desde o dia 10 do mês *proximo* que a Assembléia Legislativa aprovou a lei de ensino religioso, após uma longa demora deputados como Liomar Baleeiro, Nestor Duarte, Oscar Noblat, Cordeiro de Miranda, Ivaro Sanches,



Raimundo Brito, Alfredo Amorim junto com a senhora D. Maria Luiza e outros, teceram críticas à igreja católica. Já outros deputados como Crescêncio Silveira, Mario Peixoto, M. Caetano Passos, Antônio Balbino, Pinto Dantas Júnior e Crescêncio Lacerda defenderam a lei, o que o jornal parabeniza e critica os que foram contra os classificando como inimigos da religião (**O Combate** – sexta-feira, 11 de dezembro de 1936. Ano VIII, nº18. Diretor: Laudionor A. Brasil. Redator: Camillo de Jesus Lima).

**CONGRESSO NACIONAL DE IMPRENSA: O prof Mário Padre foi o representante dos jornais do interior da Bahia** – No dia 20 em Belo Horizonte nesse congresso foram expostos todos os jornais integralistas ou simpatizantes e da cidade o representante foi o nosso estimado professor Mário Padre (**O Combate** – 23 de dezembro de 1936. Ano VIII nº19, Diretor: Laudionor A. Brasil. Redator: Camillo de Jesus Lima. Gerente: Clóvis Lima).

**PROFESSOR EUCLYDES DANTAS:** Retornou à cidade após longa estadia na capital do estado. Visitemo-lo (**O Combate** – Domingo, 1 de agosto de 1937. Ano VII, nº45, Diretor: Laudionor A. Brasil. Redator: Camillo de Jesus Lima).

**GINÁSIO EM CONQUISTA:** O jornal fala da perspectiva de se fundar um ginásio em Conquista, convidando a população independente da política ou religião a ajudar na realização dessa obra.

**ARMANDO SALES ADMINISTRADOR – Instrução Pública – Ensino Profissional:** O jornal apresenta a luta deste, na questão da educação e aponta que em 1910 havia em São Paulo 2.369 unidades escolares, com matrícula geral de 99.233 alunos; em 1930 essas cifras alcançaram 8.219 unidades e 256.292 alunos matriculados; em 1935 foram 1.772 unidades escolares que podiam abrigar 106.645 alunos e abrigaram 462.937. No ensino secundário também teve avanços: em 1930 São Paulo contava com 3 ginásios com 1.443 alunos; em 1935 eram 9 ginásios com 2.516 alunos, dentro as escolas normais tiveram 4.237 alunos. A educação profissional ganhou grande impulso com ele, em 1936 a matrícula nos seus vários cursos profissionalizantes alcançou o número de 8.939 alunos, ou seja, ele melhorou o aparelhamento escolar de São Paulo (**O Combate** – Domingo, 22 de agosto de 1937. Ano IX, nº2, Diretor: Laudionor A. Brasil. Redator: Camillo de Jesus Lima).

**O ANALFABETISMO É FILHO DA MISÉRIA** – “Ninguém poderá deixar de receber com simpatia uma Campanha para alfabetização de adultos, como a que agora se inicia, no Brasil foi iniciativa do atual ministro da educação” (**O Combate** – 21 de junho 1947. Ano XVII nº 27, Diretor/Redator: Laudionor A. Brasil).

Apesar da censura estabelecida pelo Estado Novo, Camillo de Jesus continuou a escrever suas notícias, com uma certa liberdade conforme, verificamos no artigo publicado no jornal *O Combate* de 1960, quando homenageando Laudionor Brasil (já falecido há dez anos), fundador, diretor do referido jornal e um de seus melhores amigos, ele afirmou que quando era redator, do jornal nas décadas de 30 e 40, Laudionor Brasil, nunca entreviu nas

suas idéias, ainda que discordasse de algumas, ou seja, sempre foi livre para escrever o que queria, ficando mais evidente ainda suas contradições.

Imbricando política, poesia e educação, Camillo de Jesus Lima, era adepto de Régis Pacheco, como Secretário Municipal, cargo indicado pelo referido prefeito, já chegando a substituí-lo algumas vezes, e perante a cidade, adquiria cada vez mais prestígio. Encontramos em registros oficiais documentos que mostram a preocupação dele e de outros professores com questões relacionadas à urbanização e geografia da cidade, nas décadas de 1930 e 1940, período de grande propaganda progressista e modernizadora em Vitória da Conquista. Encontramos um Livro de Atas do Diretório Municipal de Geografia da Cidade, referente aos anos de 1938 até 1943<sup>13</sup>, em que fica evidente essa preocupação. Esse Diretório, localizado na prefeitura desta cidade, era composto por vários professores, dentre eles, Laudionor Brasil, Camillo de Jesus Lima (representante do prefeito), Euclides Dantas<sup>14</sup>. Uma das discussões mais presentes era sobre limites territoriais, sendo Camillo nomeado pela maioria para elaborar um “memorial referente aos limites do município e de suas vidas”, ele também revezando com Euclides Dantas era nomeado o orador, das sessões nos dias solenes, devido sua considerada “boa oratória”.

Um outro espaço em que Camillo expunha suas idéias e preferências era A Ala de Letras de Conquista fundada em 1938, por Clóvis Lima, Euclides Dantas, Laudionor Brasil e pelo próprio Camillo de Jesus Lima. De acordo com Medeiros (in: BRASIL, 2002), foi muito importante a criação dessa ala para os letrados da cidade, porque proporcionou o contato com letrados de outros lugares, dando oportunidade de divulgação das produções e ideias, e de os manterem atualizados com as mudanças da literatura em âmbito regional, ainda que timidamente:

Os anos trinta do século passado são um momento importante para aqueles letrados. Em 1938, surge para congregá-los a Ala de Letras [...]. A Ala passou a manter contatos com letrados de outros lugares, a dar oportunidade a seus sócios de discutirem literatura mais atual. Com isso, a produção literária local timidamente vai apresentar nova feição. Muito timidamente surge a poesia moderna, inclusive aquela de conteúdo político e social, com Camillo de Jesus Lima e, depois, com Laudionor Brasil. (MEDEIROS. In: BRASIL, 2002, p. 52).

Medeiros (in: BRASIL, 2002, p. 52) apresenta considerações a cerca da postura ideológica do referido professor:

Alguns daqueles intelectuais conscientizaram-se do mal que representa o nazismo para o mundo e o denunciam. A partir de 1939, Camillo de Jesus Lima e Laudionor de Andrade Brasil combatem o nazismo e a guerra abertamente. Porém Laudionor de Andrade Brasil ainda mantém postura de respeito a Getúlio Vargas. É algo confuso, que se repetiu em vários cantos do país, essa indefinição. Camillo de Jesus Lima evolui mais embora mantendo seus relacionamentos locais. Laudionor Brasil, preocupado com as questões sociais e com crimes do nazismo, mantém uma consciência religiosa.

Um outro tipo de registro escrito que também nos permitiu encontrar Camillo de Jesus Lima foi suas produções literárias e autobiográficas, poemas e crônicas que escrevia tanto românticos, quanto políticos e críticos, tais como: *A Balada do Vira Mundo* (enfocando a liberdade de seguir para onde se quer); *Não estou só* (romântico); *Mestre* (diálogo com Cristo, enaltecendo o amor fraterno como virtude) (COLETÂNEA CONQUISTENSE, 1975), etc. Na obra *Antologia Poética* (s/d), publicada em homenagem

a memória de Camillo de Jesus, pelo departamento de estudos lingüísticos da Uesb, traz além de uma breve cronologia a seu respeito, algumas de suas poesias que evidenciava sua luta a favor das causas dos menos favorecidos e da liberdade. Encontramos poemas românticos e também *As Trevas da Noite estão passando*, que foi uma coletânea de poesias que fez em parceria com Laudionor Brasil, entre outros poemas, está *A Megera está rondando*, onde tecia críticas as misérias e injustiças promovidas pelo sistema político e econômico até então vigentes na época, sobretudo, as mazelas causadas pela segunda guerra:

Valei-me, Don Cavaleiro!  
Os filhos dos operários  
e os filhos dos camponeses,  
estão tremendo de medo nas casas esfumaçadas.  
A megera está rondando,  
vagando pelas estradas.  
Essa que anda de noite,  
caçando os filhos do povo,  
traz a memória da gente  
velhas histórias de outrora.  
Não tem água nos olhos,  
nem leite nos peitos.  
Mas traz o ódio nos olhos  
e traz veneno no peito.  
E as unhas sujas de sangue.  
seus longos dedos ossudos,  
Batem em todas as portas  
caçando os filhos do povo.  
Fantasma das horas mortas.  
[...] Aquele quer que a megera  
faça dos campos de seara  
campos de concentração.  
O outro vendeu a alma e o corpo  
ao ouro da reação.  
Mãos assassinas, da sombra,  
mostram o caminho sangrento  
por onde passa a Tarada, engelhada, encarquilhada,  
levando o açoite na mão.  
Estão forjando as cadeias  
que hão de abrir chagas no pulso  
que se ergueram nos comícios  
como mastros levantados,  
exigindo mais justiça  
menos miséria, mais pão!  
Valei-me Don Cavaleiro!  
A megera está rondando  
vagando pelas estradas  
batendo em todas as portas. (LIMA, s/d, p.142-143).

Também vamos encontrar na Revista Academia de Letras da Bahia (in: REVISTA, 1975), a profunda ligação de Camillo com Vitória da Conquista, e com seu pai, figura modelo que ele adotava para seguir, conforme trechos abaixo:

Sou um selvagem que ficou parado,  
ante o esplendor da civilização

e tenho na minha alma concentrado,  
o orgulho de um nativo não domado  
o amor as coisas simples do sertão  
amo com ânsia de paixão veemente  
a pequena cidade onde que nasci  
Esta Conquista que cativa a gente  
e que, é a luz do meu amor ardente  
a mais bela cidade que já vi (p.199)

sem teto sem pão,  
se eu fosse um rei, eu faria a bandeira da minha terra  
de capa rota de uma criancinha pobre, que olha as estrelas com os olhos  
molhados  
e eu seria o maior homem da Terra, quando visse todos os povos, todos  
os grandes, todos os nobres andarem de rastros, beijando a sombra dessa  
bandeira rota que, o sol, panejasse, como um gonfalão vitorioso, todo  
cravejado de astros! (p.208-209)

Pai, meu altar, meu ídolo, meu templo  
deste-me tudo, dando-me a ventura  
do tesouro maior do teu exemplo (p.201)

A partir do cotejamento de fontes, cada vez mais constatamos que Camillo de Jesus Lima foi o mais ativo na tentativa de deixar na memória social local aqueles que ele considerava como grandes intelectuais que deveriam ser eternizados na história, foi assim quando tentou e foi recusado levantar um monumento na cidade homenageando o professor Maneca Grosso, quando incentivou e participou da colocação do busto do professor Laudionor Brasil na Escola Normal, quando votou, para que o professor Ernesto Dantas ocupasse a primeira cadeira de intelectual na Ala das Letras em Conquista, quando deixou dedicatórias em seus poemas que circulavam nacionalmente àqueles que ele admirava e considerava grandes nomes, como: “Esta tentativa de ensaio é dedicada a Eratóstenes Menezes e a Clóvis Lima e também a memória de Euclides Dantas, hoje brincando de anjinho, lá por cima; todos três como eu, devotos de Laudionor” (LIMA, In: BRASIL, 2002, s/p).

Ele fazia parte de um grupo que acompanhou em sua trajetória um período de guerras mundiais, mudanças no cenário político brasileiro, a partir da ascensão de Vargas, bem como os processos de urbanização e desenvolvimento, provenientes dessas mudanças. Acompanhando, também, a influência das variadas correntes políticas que se instalavam, além das liberais e tradicionais que permaneciam: o integralismo e o comunismo, e integrando uma conjuntura em que, os debates emergiam acerca da educação com a bandeira levantada pelos pioneiros, em prol da “Republicanização da república”, chegando em âmbito local, através da difusão de uma educação moderna, tendo em Camillo de Jesus Lima um de seus defensores.

### **Considerações finais:**

A partir do cotejamento de algumas fontes passamos a verificar que Camillo de Jesus Lima era um intelectual preocupado com questões que envolviam a política e a educação, juntamente com outros professores durante a Segunda República, se constituindo em novos sujeitos históricos, ganhando evidência na conjuntura republicana.

Frutos da própria atmosfera presente, tanto no cenário nacional ou internacional, foram sujeitos públicos, reconhecidos a partir dos grupos em que interagiram, unidos por uma identidade cosmopolita republicana comum e pautada na defesa da liberdade, igualdade, progresso da nação, educação como bandeira da República etc., mas, também, guiados pela própria realidade republicana contraditória que, carrega a síntese das suas próprias ambiguidades.

Camillo de Jesus Lima, nascido em 1912, vivenciava, em sua juventude, as transformações provenientes dessa conjuntura e que também carregava as ambiguidades de ora defender e ora criticar o lado político no qual fazia parte, que ainda era a do grupo político dominante dos coronéis, posição essa também adotada em relação ao integralismo e a Vargas.

Homem fruto de seu tempo sócio-histórico imbricou elementos novos e velhos das experiências vividas, compartilhadas entre si e com o grupo que interagia, apesar das especificidades singulares, presentes em cada formação, por possuir em comum o ideal republicano, o autodidatismo que o distinguia na sociedade, e o destaque ocupado nos espaços que transitava. Desse modo, deixou marcas de atuação como professor, poeta, jornalista e político, possuidor de prestígio social, que ia sendo reafirmado por meio de seus escritos e discursos. Atuações essas que vêm mantendo e atualizando esse ideal, na medida em que seus registros permaneceram, ao longo do tempo, ganhando veracidade, incorporando a história da cidade e/ou dos professores, na medida em que são revisitados, recuperados na biografia da cidade, nos manifestos de intelectuais locais, nos comentários e na exaltação de seu nome, em vários lugares da cidade.

Camillo de Jesus defendia as campanhas em prol da educação e difusão da criação de escolas em uma a sociedade local que estava inserida num contexto onde o analfabetismo ainda continuava predominando. Incitar a população a frequentar as escolas e exaltar o professor, como o formador de consciências, conforme verificamos nas notícias de jornais, se tornaram tarefas dele e de outros professores, comprometidos com as causas republicanas e com o discurso difundido nacionalmente pela Escola Nova.

É assim que encontramos Camillo de Jesus Lima em Vitória da Conquista, em nomes de ruas ou praças<sup>15</sup>, instituições<sup>16</sup>, referenciado em programa de rádio<sup>17</sup>, na Internet, etc, sendo revivido a partir de uma memória que o guarda e o registra. Tema de vários trabalhos acadêmicos que buscam resgatar sua trajetória, a fim de validar a sua importância, Camillo permanece, portanto, enquanto, uma figura importante no cenário político-cultural da cidade, e também como um sujeito da educação local e regional.

### Referências:

ALVES, Ana Elizabeth S; et al. Datilógrafos (as) e costureiras: profissionalização nas décadas de 1930 e 1940 em Vitória da Conquista. In: *Anais do VII Colóquio do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista, 2007.

BRASIL, Laudionor de Andrade. *A luz desce da estrela*. Vitória da Conquista: edições do autor, 2002.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. *A educação negada*: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

COLETÂNEA DO ESCRITOR CONQUISTENSE. Vitória da Conquista: [s.n], 1976.

- FONSECA, Humberto José, et al .Formação política da região sudoeste da Bahia. In: *O poder em disputa: Vitória da Conquista e região*. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999. Vol 4.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- IVO, Isnara Pereira. *O Anjo da Morte contra o Santo Lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia*. Vitória da Conquista: edições Uesb, 2004.
- LIMA. Camillo de Jesus. *Antologia Poética*. Vitória da Conquista: Uesb, s/d.
- MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Políticas educacionais e trajetórias geracionais: primeiros relatos da pesquisa em Vitória da Conquista-Ba. In: *Anais do VI Colóquio do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista, 2006.
- MESQUITA, Josenilda P.; MATTA, Alfredo.E.R. Educação na Bahia em 1930: embates entre a burguesia ascendente e oligarquia latifundiária. In: *Anais do VIII Colóquio Nacional e I Internacional do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista: edições do autor, 2009.
- OLIVEIRA, Francisco. A emergência do modo de produção de mercadorias: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil. In: FAUSTO, Bóris (Org.). *O Brasil Republicano: 1- Estrutura de poder e economia (1889-1930)*. Tomo III, Vol 1. São Paulo: Difel, 1975.
- OLIVEIRA, Jeremias Macário de. *A imprensa e o coronelismo no sertão do sudoeste*. Vitória da Conquista: editado pelo autor, 2005.
- PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e oligarquias (1889-1934): a Bahia na primeira República brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Salvador, 1975. Volume XXIV.
- RIBEIRO, Maria Luíza Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 19. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*. Luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador: EDUFBA, 2000.
- SOUSA, M.A.S; BORBOREMA, C.G. Literatura e política: a trajetória de um poeta militante no interior da Bahia (1930-1975). In: *Revista Politéia: história e sociedade*. Vitória da Conquista: [s.n], v.1 n.1, p. 225-246, 2001.
- SOUZA, Amélia Barreto. *A alimentação no planalto de Conquista*. 1930 – 1950. Vitória da Conquista-Ba: UESB, 1996.
- SOUZA, Daniela Moura Rocha de. *Memória de Professores Intelectuais como interlocutores do republicanismo em Vitória da Conquista-Ba entre os anos de 1910 até 1945*. [dissertação]. Vitória da Conquista: Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade-UESB, 2010.
- SOUZA, Belarmino de Jesus. Uma leitura da vida política em Conquista na primeira república. In: *O poder em disputa: Vitória da Conquista e região*. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1999. Vol 4.
- VIANA, Aníbal Lopes. *Revista histórica de Vitória da Conquista*. Vitória da Conquista. Ed. do autor. Brasil Artes Gráficas LTDA. vol. I, 1982 e v.2, s/d.

**Fontes Consultadas:**

Livro de Atas da instalação do Diretório Municipal de Geografia da cidade de Conquista 1938-1943. Prefeitura Municipal. Vitória da Conquista, 1938-1943.

Livro de Atas para tomada de contas da Prefeitura. Prefeitura Municipal. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista Vitória da Conquista, 1938-1948.

Livro de Decretos e Portarias. Prefeitura Municipal. In: Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista, 1943-1945.

**Jornais:**

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL. Laudionor. Escola Integralista. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1936. Ano VIII, nº3.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL. Laudionor. A casa do professor. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1936. Ano VIII, nº5.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL. Laudionor. Aprovada a lei do ensino religioso. Vida escolar – o encerramento das aulas do Colégio Marcelino Mendes. Professora Maria Leal. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1936. Ano VIII, nº18. Três notícias nesse mesmo exemplar.

LIMA, Camillo de Jesus. Escola Noturna do Núcleo Integralista. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1936. Ano VII, nº29.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL. Laudionor. O professor Euclides Dantas aos seus amigos e discípulos. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1937. Ano VIII, nº22.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL. Laudionor. Professor Euclides Dantas. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1937. Ano VIII, nº45.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL, Laudionor. Professor fascista fora! Ginásio de Conquista: curso de admissão **O Combate**. Vitória da Conquista, 1943. Ano XIV, nº 18. Duas notícias nesse exemplar.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL, Laudionor. Escola de datilografia N.S das Vitórias. Concurso das alunas da Academia Conquistense de Corte **O Combate**. Vitória da Conquista, 1944. Ano XVI, nº 22.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL, Laudionor. Festa de amizade no Colégio Marcelino Mendes. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1945. Ano XVII, nº 10.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL, Laudionor. Ensino noturno gratuito. **O Combate**. Vitória da Conquista, 1945. Ano XVII, nº 39.

## Notas

<sup>1</sup> Título de um poema escrito por Camillo de Jesus Lima, sem data, publicado na obra: Antologia Poética (s/d). Esse texto é fruto dos resultados de pesquisa de nossa dissertação de mestrado intitulada: Memória de Professores Intelectuais como interlocutores do republicanismo em Vitória da Conquista-BA entre os anos de 1910 até 1945, sob a orientação da Profa. Dra. Lívia Diana Rocha Magalhães.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela UNICAMP, Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, danyopera@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela UNICAMP com Pós-Doutorado em Psicologia Social pela UERJ, Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Coordenadora do Museu Pedagógico/Uesb. lrochamagalhaes@gmail.com e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade - UESB.

<sup>4</sup> *Memória Geracional, Política Educacional e Trajetórias Sociais* - coordenado pela Profa. Dra. Lívia Diana Rocha Magalhães e *Fundamentos da Educação* - coordenado pela Profa. Dra. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro.

<sup>5</sup> Ou Liga dos Amigos de São Paulo, em referência ao movimento de 1932, que fazia oposição a Vargas.

<sup>6</sup> Luiz Régis Pacheco Pereira entre 1923 até 1937, permaneceu em oposição ao Estado, fazendo parte do Partido Autonomista sendo preso em 1932 por se deflagrar a favor da revolta constitucionalista de São Paulo. A partir do Estado Novo, foi nomeado pelo interventor getulista como prefeito de Vitória da Conquista até 1945 (Maiores informações vide: <http://www.governador.ba.gov.br/governadores/luizregis.htm>, site consultado no dia 20/10/09). É interessante observarmos que essas mudanças de lado na política conquistense não eram novidades.

<sup>7</sup> O Instituto de Educação Euclides Dantas, conhecido como Escola Normal, foi fundada em 1952, na cidade, e se constituiu um grande marco para a profissionalização docente.

<sup>8</sup> Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima.

<sup>9</sup> Título de um poema de Camillo de Jesus Lima, lembrado pelo professor, jornalista e membro da Academia de Letras da Bahia – Clóvis Álvares de Lima, na Revista da Academia de Letras da Bahia em 1975.

<sup>10</sup> Vide: Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista - Livro de Atas para tomada de contas da Prefeitura (1938-1948) e Livro de Decretos e Portarias (1943-1945).

<sup>11</sup> O discurso é um documento inédito avulso, não datado, mas assinado por Camillo de Jesus Lima e conta com 20 páginas. Transcrevemos apenas os trechos que consideramos importantes para discussão. Contamos com a colaboração da Profa. Dra. Ana Palmira B.S. Casimiro, na localização do mesmo, que se encontra atualmente juntamente com outros registros no acervo particular do Prof. Ruy Hermann de Araújo Medeiros em Vitória da Conquista.

<sup>12</sup> Esse poema também compõe o acervo do Prof. Ruy Medeiros, conseguido pela colaboração da Profa. Ana Palmira.

<sup>13</sup> O livro é numerado até a página 50, mas preenchido até a 14. Estado de conservação médio, páginas amareladas, algumas manchadas. Letra quase ilegível. Capa Dura. Constatado em etiqueta como Registro de Empregados da prefeitura. Ano 1972. Porém é um livro de Ata da instalação do Diretório Municipal de Geografia da Cidade de Conquista. Ano 1938. Começa em 30 de agosto de 1938 e vai até 7 de agosto de 1943 (está completo). In: Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.

<sup>14</sup> Compunham também esse Diretório os professores: João Norberto, Francisco Fagundes Lima, Rostil Matos, Alzamira Ferreira de Carvalho, Padre Palmeira, Jorge Palmeira, Valdomiro Oliveira, Maria Angélica de Oliveira Rosa, Ondina Seixas, Maria Viana e Padre Nestor.

<sup>15</sup> Praça Camilo de Jesus Lima, na rua Marcelino Mendes, no Bairro Centro.

<sup>16</sup> Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, localizado na Avenida Rosa Cruz; Instituto de Educação Euclides Dantas – Escola Normal.

<sup>17</sup> O programa de Rádio apresentado por Herzem Gusmão, veiculado todos os dias da semana por volta do meio dia, sempre começa referendando algumas figuras de destaque local, e Camillo vez ou outra é mencionado.

Recebido: janeiro-14

Aprovado: novembro-14